



A ATUALIDADE DA OBRA “A CIDADE DAS DAMAS”: IDENTIDADES E ESTRATÉGIAS POLÍTICAS

CAMILA KULKAMP¹

RESUMO: Neste trabalho apresento três pontos que considero importantes para as reflexões feministas e que Christine de Pizan traz na obra *A Cidade das Damas* (1405): a) primeiro, a utilização da identidade estratégica “damas” contra os intensos processos de degradação política das mulheres no medievo, conforme aborda Silva Federici em *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva* (2017); b) segundo, a metáfora da “cidade” como espaço político para mulheres, que denomino de corpo-memória a partir da filosofia política de Hannah Arendt; c) terceiro, a virtude da castidade como estratégia de defesa da integridade das mulheres. Neste sentido, meu objetivo é tentar mostrar como estes aspectos específicos se relacionam com o desenvolvimento de reflexões sobre as filosofias feministas, as éticas e as filosofias políticas na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Christine de Pizan. A Cidade das Damas. Identidades. Estratégias. Feminismos.

ABSTRACT: In this paper, I present three points that I consider important for contemporary feminist reflections and that Christine de Pizan brings with the work *The City of the Ladies* (1405): a) first, the use of the strategic identity “ladies” against the intense processes of political degradation of women in the Middle Ages, as discussed by Silva Federici in *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva* (2017); b) second, a metaphor of the “city” as a political space for women, which I call body-memory based on Hannah Arendt’s political philosophy, and; c) third, the virtue of chastity as a defense of the integrity of women. In this sense, my objective is to try to show how these aspects can relate to the development of reflections on feminist philosophies, ethics, and political philosophies in contemporary times.

KEYWORDS: Christine of Pizan. The City of Ladies. Identities. Strategies. Feminisms.

Um sentimento de angústia sobreveio quando li o livro *A Cidade das Damas*, escrita por Christine de Pizan (1363-1430) em 1405. Tal sentimento me parece comum quando lemos uma obra de tempos longínquos e ele surge quando lutamos para recuperar os sentidos e nos deparamos com termos não tão utilizados na contemporaneidade, como “damas”, “castidade” e “virgindade”. Mas a ideia de escrever sobre a obra de Christine de Pizan apareceu depois que acompanhei as aulas da graduação em filosofia, especificamente, a disciplina “Utopias e

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do projeto “Uma Filósofa por mês”. Bolsista Capes. E-mail: camila_kulkamp@hotmail.com.

Distopias Políticas e Feministas” ministrada por minha orientadora no doutorado, a professora Janyne Sattler. Neste percurso, certo dia, escutei um aluno questionar se “*a obra de Pizan não estaria ultrapassada?*” Ele não foi o único, algumas alunas também expuseram dificuldades e desconfortos para aliar as contribuições de Pizan, “*essa autora de séculos passados*”, com as demandas e o imaginário dos feminismos contemporâneos.

Penso que o projeto político feminista de trazer para a academia as obras das filósofas que foram apagadas da história da filosofia é um grande desafio. Seja na Antiguidade, no Medievo ou na Modernidade, essas filósofas aparecem, quando muito, como apêndices insuficientes, irrelevantes perto dos cânones para constituírem a bibliografia principal dos currículos universitários. Em consequência, no campo dos estudos feministas e de gênero encontramos um trabalho doloroso e reflexivo, que parece interminável, e, às vezes, impossível. Esse trabalho permeia, justamente, a consideração utópica fundamental que Pizan levanta em sua obra: como podemos construir um mundo (ou mundos) para e por mulheres?

Conforme as inquietações trazidas por Charlotte Witt e Lisa Shapiro em *Feminist history of philosophy* (2018), podemos averiguar dois grandes projetos feministas acadêmicos em andamento. Por um lado, temos as críticas feministas ao cânone filosófico, que servem para confrontar uma tradição de obras e pensadores que acreditam que as mulheres são seres ontologicamente, eticamente e epistemologicamente inferiores; que não existiram mulheres filósofas; que as obras das filósofas não tinham conteúdo filosófico, ou ainda, se as obras possuíam algum conteúdo filosófico, o mesmo não seria importante ao ponto de ser ensinado e debatido nas escolas e universidades. E de outro lado, existe a revisão feminista da história da filosofia, que recupera as obras e as vidas das filósofas. Um projeto nunca antes visto e incomparável na história da filosofia. Basta imaginar, no século XXI, inúmeras pessoas feministas (ou não) buscando registros históricos de filósofas que viveram desde a antiguidade até a contemporaneidade. É um trabalho custoso, árduo e complexo que apresenta dificuldades e paradoxos. São mulheres que estão correndo atrás da história para trazer e produzir um conteúdo filosófico enorme à tona.

Diante desses projetos, podemos nos perguntar: como tecer as filósofas e suas obras de forma segura na história da filosofia? Como recuperar as filósofas da margem da história? Como fazer com que alunos e alunas compreendam que a filosofia é uma atividade exercida por mulheres? Como lidar com os desconfortos produzidos pelo encontro com as obras de filósofas de séculos passados com os anseios dos feminismos atuais? Essas perguntas impulsionaram a escrita deste artigo sobre a obra *A cidade das damas* de Christine de Pizan.

Diferente de ótimas contribuições já realizadas, este trabalho diverge do artigo de Ana Rieger Schmidt (2018), pois não procuro mostrar os variados tipos de argumentos e fundamentações filosóficas utilizados por Pizan. Também não pretendo discorrer, como fez Janyne Sattler (2018), como Pizan representa um pensamento alinhado a uma filosofia moral não tradicional, nem como Ana Miriam Wuensch (2013) ao apresentar as perplexidades que podemos revelar diante do contexto histórico no qual Pizan estava inserida.

Instigada por essas referências, especialmente pela constatação de Wuensch (2013) de que a obra de Pizan traz um texto que desde seu princípio é desautorizado pelo jogo filosófico acadêmico, passarei a discorrer sobre três pontos que considero importantes para as reflexões feministas contemporâneas e que Pizan traz em *A Cidade das Damas*: primeiro, a utilização da identidade estratégica “damas” contra os intensos processos de degradação política das mulheres no medievo, conforme aborda Silva Federici em *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva* (2017); segundo, a metáfora da “cidade” como espaço político para mulheres, que denomino de corpo-memória a partir da filosofia política de Hannah Arendt; e, terceiro, a virtude da castidade como estratégia de defesa da integridade das mulheres.

Meu intento com este trabalho é tentar mostrar como estes aspectos específicos que citei relacionam-se com o desenvolvimento de reflexões sobre as filosofias feministas, as éticas e as filosofias políticas na contemporaneidade, ou seja, meu objetivo é fazer um exercício argumentativo e trazer uma leitura feminista contemporânea do conteúdo filosófico da obra de Pizan. E, sobretudo, quero expor que longe de estar ultrapassada, Pizan nos fornece um arcabouço de ideias frutíferas para entendermos o nosso tempo.

1. Damas: uma identidade estratégica contra a degradação política das mulheres.

Na obra *A Cidade das Damas* (1405), Pizan como narradora em primeira pessoa apresenta a sua história. Ela mesma é a protagonista para a edificação do que denomina como “a cidade das damas”, e inicia esta empreitada com a ajuda de três damas alegóricas, a Razão, a Retidão e a Justiça. Na construção da cidade, Christine faz dois movimentos metafóricos. Primeiro desconstrói, um por um, os argumentos que degradavam a imagem das mulheres e que vigoravam na sua época, essa é a metáfora para escavar junto com a dama da Razão e com a “enxada da indagação” as bases da cidade. Em seguida, apresenta exemplos infundáveis de histórias de vida de mulheres que se destacaram por sua razão, arte ou virtude. Exemplos que se configuram como um movimento de construção, como os tijolos, as paredes e os telhados dessa fortaleza.

Para imaginar uma cidade ou um mundo com mulheres, a sugestão que Pizan nos dá é: nós, mulheres, precisamos de outras mulheres (ou damas). A utilização do termo “*dames*” (damas) ao invés de “*femmes*” (mulheres) pode ser um recurso, segundo Luciana Calado², para designar “um grau valorativo maior” (DEPLAGNE, 2006, p. 67) para as mulheres. As mulheres enquanto damas nos remetem a uma representação das mesmas como símbolos do poder, em contraposição a uma construção filosófica e literária hegemonicamente androcêntrica em que seriam consideradas inferiores aos homens.

Entendo que Pizan faz uso estratégico da identidade³ com fins políticos, assim como as mulheres já fizeram em outros casos, como a identidade das “mães” que foi utilizada várias vezes para “sensibilizar” a opinião pública e humanizar as vítimas de regimes ditatoriais⁴, ou o termo “vadias” que foi subvertido como forma de protesto contra a cultura do estupro⁵.

Não podemos esquecer que Pizan viveu no contexto histórico do século XV, que de acordo com Silva Federici em *Calibã e a Bruxa* (2017), foi um tempo em que as práticas inquisitoriais estavam em plena atuação. Federici explica como a caça às bruxas fez parte de um processo histórico de acumulação primitiva que serviu para a passagem do feudalismo para o sistema capitalista moderno, que tem no seu *modus operandi* reiterados e contínuos processos de acumulação, com novas formas de exploração e violência para a geração de lucro. E estas formas de exploração são frequentemente direcionadas para a privatização de terras, bens comuns, assim como intenso controle da reprodução e dos saberes das mulheres, disciplinamento dos seus corpos e desvalorização dos seus trabalhos. Segundo a autora, “no caso das mulheres europeias, foi a caça às bruxas que exerceu o papel principal na construção de sua nova função social e na degradação de sua identidade social” (FEDERICI, 2017, p. 293). Este contexto pode ser ilustrado pelo fato de que dois anos após Pizan escrever outro trabalho, que pode ser entendido como uma ode à Joana D’Arc (*Ditié de Jeanne D’Arc*, 1429), a heroína foi torturada pela inquisição, condenada a vestir roupas femininas no fim dos seus dias e queimada na fogueira.

² Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne realizou o brilhante trabalho de tradução da obra *A cidade das damas*, em sua tese no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pernambuco em 2006, intitulada *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*.

³ SPIVAK, Gayatri C. Interview with Angela McRobbie. *Block* (10), 1985, p. 5-9.

⁴ WOLFF, Cristina Scheibe. Corpos narrados nas ditaduras do Cone Sul. *SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA* [39]; João Pessoa, jul./dez. 2018.

⁵ GALETTI, Camila Carolina H. Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo. 2014. Disponível em:

<<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/533/771>> Acesso em: 30 abril 2019.

Federici foi instrutiva ao abordar, em sua obra, a constituição de uma contrarrevolução⁶ levada a cabo através do projeto terrorista e misógino do Estado moderno, que manipulava a imagem da feminilidade a partir de uma miríade de políticas sexuais que degradavam a identidade social das mulheres. É no período da Baixa Idade Média, época em que Pizan escrevia, que o debate sobre a “natureza dos sexos” ou a *querelle des femmes* teve proeminência na literatura erudita e popular “acerca da natureza das virtudes e dos vícios femininos” (FEDERICI, 2017, p. 2000). Como dito anteriormente, esse debate é considerado por Federici como um sintoma do mecanismo ideológico que serviu para mudar as relações sociais de gênero em benefício do sistema capitalista.

A autora identifica dentro dessa discussão duas vertentes dos cânones culturais, uma que buscava maximizar as diferenças entre mulheres e homens, criando estereótipos sobre a passividade feminina e a superioridade masculina, e uma segunda via, que estabelecia as mulheres como seres inferiores, incapazes de exercer a cidadania e o poder. Temos aí o que Federici denomina como o “vilipêndio literário das mulheres”, “um projeto político preciso com o objetivo de deixá-las sem autonomia nem poder social” (FEDERICI, 2017, p. 203).

Especificamente, Pizan participou do episódio conhecido como o “Debate da Rosa” (*Querelle de la Rose*), “considerado o primeiro debate público em defesa do sexo feminino” (SCHMIDT, 2018, p. 15-16), em que a autora critica os versos do *Romance da Rosa*, obra do poeta Jean de Meun. Estrategicamente, para rebater o conteúdo misógino do poema, Pizan articulou no meio político e literário a “Ordem da Rosa”, que foi “uma espécie de resistência literária do *ethos* cortês aos ataques à honra feminina lançados pelos ‘doutores da lei’” (WUENSCH, 2013, p. 7).

Com essas ponderações, procuro mostrar a complexidade do contexto político em que Christine de Pizan estava inserida e como é interessante que a autora refletia, naquela época, antes mesmo do aprofundamento da caça às bruxas e do assassinato de milhares de mulheres, a importância da refutação das falácias que atribuíam uma natureza deficiente para as mulheres, seja por causas racionais, biológicas ou divinas.

Mas o ponto que desejo frisar é que essa refutação à misoginia foi construída não somente com argumentos filosóficos tradicionais, mas com a utilização de alegorias e com a afirmação de diversas identidades associadas às mulheres como forma de subversão da

⁶ “O capitalismo foi a contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam emergido na luta antifeudal – possibilidades que, se tivessem sido realizadas, teriam evitado a imensa destruição de vidas e de espaço natural que marcou o avanço das relações capitalistas no mundo. Devemos enfatizar esse aspecto, pois a crença de que o capitalismo “evoluiu” a partir do feudalismo e de que representa uma forma mais elevada de vida social ainda não se desfez” (FEDERICI, 2017, p. 44).

economia simbólica dominante, o que está em consonância, por exemplo, com o que Claudia de Lima Costa expõe sobre a potência dos feminismos, fundada nos discursos sobre a “construção de articulações entre as diversificadas posições de sujeito” (COSTA, 2002, p. 61). Segundo Costa, a força que faz com que os feminismos perdurem está na aceitação da identidade ambivalente das mulheres, no uso estratégico do essencialismo. Ao invés da negação do sujeito, o que também Gayatri Spivak (1985) considera ser tão fetichizado quanto a defesa do essencialismo, construímos identidades estratégicas positivas ligadas às condições materiais das mulheres como forma de possibilitar espaços de agenciamento e para construir as lutas políticas contra as opressões.

Pizan faz experimentações com as identidades das mulheres ao trazer diferentes histórias de vida, ao manipular imagens alegóricas femininas, e também quando se auto-representa e faz autocitações em suas obras. A autora prima pela valorização do jogo simbólico ao manejar essas imagens, e segundo Luciana Calado (2010), tais recursos retóricos possuem caráter moralizante, pois, ao mostrar as mulheres como sujeitos Pizan tenta atrelar às mesmas qualidades morais positivas.

Ainda conforme Cláudia de Lima Costa (2002), quando tratamos de identidades, a questão do essencialismo não precisa ser inerentemente retrógrada, e é necessário atentarmos para quem utiliza, como faz essa articulação e os seus respectivos efeitos. Se as damas representam uma posição cristalizada, uma identidade privilegiada, insuficiente para as mulheres do século XXI ou para as mulheres do sul global, isto se deve em grande parte às exigências dos feminismos atuais que estão distantes ou buscam se distanciar de contextos ligados ao feudalismo, à monarquia no Medievo e à colonialidade. Mas se olharmos para o contexto no qual Pizan vivia, precisamos ponderar com cuidado quais escolhas estavam disponíveis e serviam de alternativa para que a mesma pudesse falar das mulheres e deslocar as expectativas misóginas do seu entorno, reestruturar hierarquias e criticar as desigualdades.

Considero indispensável lembrarmos que uma cidade das damas no Medievo poderia ser tomada como algo transgressor em relação ao discurso hegemônico da época e também que a obra permite o câmbio do termo “damas” por “mulheres”, sem prejudicar o seu conteúdo político, pois muitas das histórias de vida que Pizan apresentou em sua obra eram de mulheres que nunca foram damas da monarquia⁷, mas que mesmo assim, estavam ali por serem mulheres virtuosas. De todo modo, resta a necessidade de aprofundarmos uma reflexão sobre a estratégia

⁷ As próprias “damas” da Razão, Retidão e Justiça, apresentadas por Pizan em *A Cidade das Damas*, são representações fictícias.

empregada por Pizan e suas implicações, e também sobre como tal compreensão dialoga com um intenso debate feminista contemporâneo, como a questão da produção de subjetividades, das identidades estratégicas, dos sujeitos dos feminismos, etc.

2. A cidade como metáfora dos espaços políticos construídos pelas mulheres: Christine de Pizan e Hannah Arendt.

Procurando uma via que me ajudasse a trazer para o presente as contribuições de Christine de Pizan, pensei em Hannah Arendt (1906-1975). Suas concepções sobre a política, o poder, a ação, a memória e a natalidade⁸ podem ser férteis para pensarmos junto à obra *A Cidade das Damas*. Apesar da grande diferença teórica entre as autoras, meu objetivo é fazer um exercício imaginativo de aproximação para enfatizar o conteúdo político da obra de Pizan.

Em *A Condição Humana* (2018), Arendt expôs uma distinção entre a *Vita Activa* e *Vita Contemplativa* ao fazer uma crítica à tradição da filosofia europeia. A filósofa reconhece na história da filosofia uma tradição da *Vita Contemplativa*, que prioriza a teoria, o pensamento, o mundo da abstração das questões metafísicas e que rebaixa a ação política e o mundo das relações humanas. Em suas obras, Arendt procura ressaltar a importância da *Vita Activa*, que por outro lado, compreende todas as atividades humanas, valoriza a ação política e não busca manipular uma verdade ou um modelo político ideal previamente criado, com um processo que não comporta a participação da comunidade e a diversidade de suas perspectivas. Segundo Arendt, essa é a vida que nos torna capazes de reagir frente à tirania e de reconhecer as injustiças políticas.

Arendt elevou o status da política na história da filosofia e assim também parece ter feito Christine de Pizan ao iniciar a sua obra com a *Dama da Razão* dizendo que veio retirar Christine do estado de *alienação* que ela se encontrava por acreditar que “os maiores filósofos” (PIZAN, 2006, p. 122), poetas e literatos, junto com as suas mais *altas doutrinas e ideias* não poderiam se enganar sobre a natureza feminina e com a sua “difamação categórica das mulheres” (PIZAN, 2006, p. 123). Nesta parte, entendo que Pizan busca mostrar que as mulheres devem utilizar a racionalidade para contrapor o discurso misógino hegemônico que

⁸ Não tratarei especificamente da natalidade neste trabalho, porém o TCC “As Mulheres, o Nascimento e a Natalidade em Hannah Arendt” (KULKAMP, 2019) expõe as variadas obras em que Arendt aborda a condição das mulheres, e apresenta uma relação com os debates feministas sobre a concepção de Arendt acerca do nascimento e da natalidade, como forma de mostrar que a filósofa não estava tão alheia aos anseios dos movimentos de mulheres da sua época. Aqui neste artigo, minha interpretação da obra de Pizan com base na filosofia arendtiana é breve e limitada. Não pretendo fazer grandes comparações entre as autoras, que possuem obras que apresentam diferentes influências e especificidades; nem me ater a uma interpretação mais tradicional da filosofia política de Arendt. Meu objetivo é apenas ressaltar aspectos do que considero ser um conteúdo político que Pizan traz em *A Cidade das Damas* e que perpassa a questão de como as identidades estratégicas, corpos, histórias, memórias das mulheres questionam a exclusividade dos homens no espaço político.

revelava uma verdade única, a inferioridade da natureza das mulheres, e conseqüentemente, sua incapacidade política⁹.

Pizan tenta salientar em *A Cidade das Damas* uma espécie de condicionalidade da existência das mulheres. A autora apresenta uma *pluralidade*¹⁰ de histórias de mulheres singulares e virtuosas. Essas histórias revelam que as mulheres estão localizadas na história e que não são seres estanques, fechados, pré-definidos, ao ponto que possam deixar que sejam controladas por algo externo às mesmas ou deixar que suas vidas sejam vividas automaticamente.

Compreendo que a principal mensagem que Pizan tenta transmitir é que as mulheres podem e devem construir espaços políticos de convivência e que as mesmas devem organizar-se politicamente. Na obra, as damas explicam que apareceram para ajudar Pizan a construir uma cidade fortificada, com poderosos fundamentos que possam defender as mulheres de “seus numerosos agressores” (PIZAN, 2006, p. 125). Entendo que esta cidade fundada no “campo das letras” (PIZAN, 2006, p. 131) não é um mero esconderijo ou pedido de isolamento das mulheres do resto da sociedade, mas sim uma resposta política dirigida a um meio que desconsiderava a humanidade das mesmas.

Tendo isso em vista, entendo que a obra é um chamado político para as mulheres se engajarem nos assuntos mundanos, pois, a política, tal como Arendt explicou, é “uma necessidade imperiosa para a vida humana” (ARENDR, 2017, p. 45). Neste ponto, retomo a explicação de Federici sobre a caça às bruxas no medievo e o assassinato de milhares de mulheres e questiono: se tal imperativo de organização política tivesse sido colocado efetivamente em prática, poderíamos ter evitado o genocídio das mulheres?

A cidade, como metáfora do comum, pode ser percebida como um “espaço da aparência” arendtiano (2018), que é o espaço que “passa a existir sempre que os homens se reúnem na modalidade do discurso e da ação”¹¹ (ARENDR, 2018, p. 247). Trata-se de um

⁹ Em *A Cidades das Damas*, Pizan escreveu: “Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova justamente o contrário. Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas mulheres do passado e do presente, que foram grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens. *Por outra parte, se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderiam citar-se exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado*” (PIZAN, 2006, p. 147, grifo da autora).

¹⁰ Segundo Arendt: “A ação, única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Embora todos os aspectos da condição humana tenham relação com a política, essa pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda a vida política” (ARENDR, 2018, p. 9).

¹¹ “A política surge no entre-os-homens; portanto, totalmente fora dos homens. Por conseguinte, não existe nenhuma substância política original. A política surge no intra-espaço e se estabelece como relação” (ARENDR, 2017, p. 23).

espaço político que precede toda forma de domínio público e política institucional. Com base na filosofia arendtiana, esse local de convivência é o fator obrigatório para a geração de poder¹², que só pode ser retido quando as pessoas vivem próximas umas das outras, ao ponto de a potencialidade da ação política estar sempre presente. No caso da cidade das damas, esse poder, essa “potencialidade no estar junto” (ARENDR, 2018, p. 249) serve de contraposição à força, aos meios de violência utilizados contra as mulheres, pois, “embora a violência seja capaz de destruir o poder, jamais pode substituí-lo” (ARENDR, 2018, p. 250).

Ademais, o livro de Pizan nos faz refletir que as narrativas das histórias de vida das mulheres nos fazem usar a memória, e que a lembrança dessa memória possui um objetivo político, que é evitar a repetição de violências e o esquecimento das nossas vidas. O resgate dessas histórias serve para mostrar a sua relevância em um mundo compartilhado, que as vidas das mulheres importam e para confrontar “os perigos da história única”, como exposto por Chimamanda Adichie. Apesar de Pizan trazer uma pluralidade de mulheres em sua obra, Adichie nos ajuda a lembrar que a história não é formada apenas por mulheres europeias, brancas, nobres, burguesas, cristãs, pagãs, judias, mas latino-americanas, africanas, asiáticas, negras, indígenas, camponesas, deficientes, pobres, trans...

Seguindo minha leitura arendtiana de Pizan, a memória viabiliza a lembrança da história construída pelas mulheres e é essa constância de uma memória coletiva das mulheres que consegue manter a aparência de algo que não perece. A fundação¹³ da cidade das damas faz parte da construção desse *corpo-memória* que perdura, é um legado que pode ser transmitido para as mulheres das gerações futuras, um legado que traz responsabilidade e que estimula a ação.

3. A castidade como defesa da integridade das mulheres.

Pizan traz a história de diversas mulheres, das mais tradicionais até as mais insurgentes e defende que as mulheres dessa cidade devem ser virtuosas, ou seja, defende uma ética das

¹² De acordo com Arendt: “O único fator material indispensável para a geração do poder é a convivência humana entre os homens. Estes só retêm poder quando vivem tão próximos uns aos outros que as potencialidades da ação estão sempre presentes; e, portanto, a fundação de cidades, que como cidades-Estados se converteram em paradigmas para toda a organização política ocidental, é na verdade a condição prévia material mais importante do poder. O que mantém unidas as pessoas depois que passa o momento fugaz da ação (aquilo que hoje chamamos de “organização”) e o que elas, ao mesmo tempo, mantêm vivo ao permanecerem unidas é o poder. Todo aquele que, por algum motivo, se isola e não participa dessa convivência é privado do poder e se torna impotente, por maior que seja o seu vigor e por mais válidas que sejam as suas razões” (ARENDR, 2018, p. 249).

¹³ Nas palavras de Arendt: “A fundação de um novo organismo político – quase um lugar-comum na experiência dos gregos – tornou-se para os romanos o central, decisivo e irrepitível princípio de toda sua história, um acontecimento único. E as divindades mais profundamente romanas eram Jano, o deus do princípio, com o qual de certo modo ainda iniciamos o nosso ano, e Minerva, a deusa da recordação” (ARENDR, 2016, p. 162).

virtudes e a busca por uma excelência moral ou intelectual. Até aí tudo bem, mas no último capítulo ela sustenta a importância da virtude da castidade. Que choque é pensar na castidade, hoje, como um valor a ser cultuado pelas mulheres! Depois de tanta luta (que ainda continua) para podermos viver livremente a sexualidade...

Por outro lado, existe a possibilidade de entendermos Pizan de modo diferente. É sintomático a autora escrever sobre a castidade na sua obra e, juntamente, abordar a violência sexual dirigida às mulheres, violência que é reforçada por concepções que perpetuavam (e ainda aparecem nos discursos dos nossos dias) que “as mulheres querem ser possuídas e estupradas”, a famosa frase “ela estava pedindo”, “ela estava se oferecendo”. Pizan apresenta a questão da castidade para rebater as afirmações dos homens de que existem poucas mulheres castas no mundo, e mais, para confrontar a ideia misógina de que seria mais difícil encontrar mulheres castas e belas, pois, devido à inconstância, à fraqueza moral e à vaidade das mulheres, elas facilmente cederiam às promessas, aos presentes, às boas palavras e aos jogos de sedução dos homens.

Diante dessas colocações, por que Pizan traz a castidade como virtude em destaque nesta obra que poderia ser tomada como utópica e transgressora? A autora é célere ao constatar que os homens atacam a castidade das mulheres para retirar-lhes a honra e como meio para facilitar as práticas de estupro contra as mesmas. Que o ataque à castidade das mulheres era a via comum e fácil para humilhação e degradação do reconhecimento social das mulheres. Como resposta, Pizan frisa que existem muitas mulheres castas e valorosas, além de mulheres que conciliam a beleza e a castidade e cita inúmeros exemplos. Ela explica que a castidade está presente naquelas mulheres que se protegem das armadilhas dos sedutores¹⁴, que a castidade é a defesa das virtudes e que existem mulheres castas que são solteiras, casadas, viúvas, virgens etc. Ademais, outro ponto importante que aparece na obra é quando a Dama da Retidão ressalta que não existe prazer na violência e que a aceitação hipotética de um contexto em que o estupro seria uma prática normal contra as mulheres representa apenas uma dor inigualável para as mesmas.

Assim, considero que a castidade levantada pela escritora como virtude moral pode não ser expressão de um sentido negativo e puramente religioso de castração do desejo ou da servidão e passividade das mulheres. Trata-se mais do repúdio de uma violência sexual que

¹⁴ “Então eu, Cristina disse assim: Dama, acredito completamente no que vós dizeis e tenho certeza de que são muitas as mulheres belas, nobres e castas, que sabem se proteger das armadilhas dos sedutores. Eis porque me irrita e me deixa triste que os homens afirmem que as mulheres queiram ser estupradas, que isso não as desagrada, mesmo quando se defendem gritando alto. Pois, não seria capaz de acreditar que lhes possa ser agradável uma coisa tão abominável” (PIZAN, 2006, p. 266).

vem do exterior do que da própria sexualidade. Não seria uma “castidade punitiva”¹⁵ própria do patriarcado, ao contrário, frente a um mundo misógino, onde muitas vezes as mulheres não tinham a possibilidade de escolher seus parceiros sexuais, pode representar uma forma de resistência, pode significar uma castidade voltada para uma autonomia corporal, intelectual, moral e espiritual das mulheres. Não só Pizan, mas também outras filósofas tais como Catharine Macaulay (1731-1791) e Mary Wollstonecraft (1759-1797) criticaram a educação e o comportamento social das mulheres voltados à coqueteria e à sedução dos homens. Distante dessas miudezas, tais autoras buscavam ressaltar que as mulheres poderiam desenvolver as mesmas virtudes e capacidades atribuídas a todos os seres humanos.

Assim como o termo “dama”, os conceitos de castidade e virgindade não são encerrados ou estanques, como se possuíssem o mesmo sentido em todos os períodos históricos. Sobre a relação entre castidade e virgindade que pode ser feita, mas que não aparece diretamente nas histórias que Pizan apresenta, é interessante a colocação de Monica Sjö e Barbara Mor (1987), de que em outros tempos a palavra “virgem” também já significou uma mulher que não era casada, que possuía autonomia, que não era objeto ou propriedade de um homem. E que na raiz latina da palavra significa força e habilidade. Deste modo, o possível atrelamento da castidade à virgindade pode não ser no sentido de uma privação¹⁶, mas de independência de uma mulher forte que teria em si o princípio da criação. Não é por acaso que Pizan intitula a Virgem Maria como rainha da cidade, que poderia ser compreendida como uma grande deusa representante do símbolo da fonte da vida e de onde nasce toda a espiritualidade, o sustentáculo da cidade.

Ainda, se aceitarmos a hipótese de que Pizan apresenta um pensamento que parece promover uma liberdade relacionada com a castidade e que tal termo traz algumas ambiguidades interpretativas (em termos de limitação da sexualidade das mulheres), não considero irrelevante cogitar sobre o exercício da castidade frente à cultura misógina atual, às

¹⁵ Fábio Mario da Silva (2018) cita esta expressão e faz referência à Julia Kristeva e Catherine Clement em *O feminino e o sagrado* (2001).

¹⁶ É amplamente reconhecido que os dogmas cristãos tendem a reforçar a instituição do casamento e da família nuclear, o que ajuda a difundir o engessamento das relações de gênero, a subordinação da mulher ao homem e a maternidade compulsória. Mas Jo Ann McNamara, na obra *A New Song: Celibate Women in the First Three Christian Centuries* (1983), defende que muitas mulheres enxergaram nos ensinamentos de Jesus uma forma radical de resistir à exigência do casamento e da maternidade ditada, por exemplo, nas leis do Império Romano, formando ordens de virgens, viúvas, mulheres castas como um meio de alcançar uma liberdade dada através da divindade. Segundo a autora, “havia virgens antes dos proponentes patrísticos da virgindade. Havia comunidades inteiras de mulheres consagradas antes que os pais da igreja encontrassem um lugar para elas na estrutura maior” (MCNAMARA, 1983, p. 124-125, tradução nossa). Sob esse viés é possível analisar a exaltação da castidade por Pizan como um meio de defesa da integridade da mulher, uma estratégia para pensarmos a mulher enquanto um ser independente da satisfação exclusiva do desejo masculino, diferente de um objeto passivo.

masculinidades tóxicas, ao estupro marital e às violências domésticas com as quais as mulheres lidam ao longo de suas vidas. Ainda hoje, poucas mulheres (ou nenhuma) estão livres da violência psicológica, física e sexual, tendo em vista que temos as estatísticas de que uma mulher é morta a cada duas horas¹⁷ e estuprada a cada onze minutos no Brasil¹⁸.

A estranheza quanto à castidade e à virgindade nos debates feministas demonstra também a necessidade de atentarmos mais para as discussões sobre teologias feministas, mulheres e religião e sobre as relações de gênero no medievo. Por que algumas mulheres se interessam pelo cristianismo ou por outras religiões? Quais os papéis que essas mulheres exercem dentro das comunidades religiosas? Por que algumas mulheres escolhem recursos do meio religioso para lidar com as violências do patriarcado? Como são manipulados os conceitos de gênero nos ideais religiosos? Estas são questões que são pouco debatidas, mas muito importantes na medida em que, atualmente, é recorrente a manipulação e captura das pautas religiosas pelos movimentos neofascistas, que tomam as mulheres como público-alvo do seu ataque.

Por fim, reforço a necessidade de fazermos um esforço para entender os discursos hegemônicos da época em que Pizan escrevia. Dentre eles, havia a ideia de que a insubordinação feminina era algo que devia ser cruelmente castigado e que atrelava a “natureza feminina” ao vício, à depravação, a um corpo passível de ser violado. Deste modo, podemos ter noção de como a virtude da castidade pode não ter tido apenas conotações negativas, mas sim ter sido uma contribuição que permitiu às mulheres algum tipo de agência frente às violências que viviam.

Conclusões

Retomo a pergunta inicial, seria Christine de Pizan uma dama que ficou no passado, como tantas outras foram propositalmente deixadas para trás? Uma dama bela, recatada e do lar, que não dialoga com nosso tempo presente ou que exalta valores conservadores demais? Intentei responder negativamente a essas questões ao apresentar algumas reflexões que se relacionam com debates feministas na contemporaneidade: a utilização da identidade das “damas” como estratégia contra a degradação política das mulheres; na reflexão da cidade como

¹⁷ Dados de pesquisa feita pelo G1 com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Núcleo de Estudos da Violência da USP. Ver: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/03/08/no-brasil-uma-mulher-e-morta-a-cada-duas-horas-vitima-da-violencia.ghtml>

¹⁸ Dados da Associação Nacional de Defensoras e Defensores Públicos (Anadep). Ver: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/copy_of_emdefesadelas-a-cada-11-minutos-uma-mulher-e-estuprada-no-brasil

metáfora dos espaços políticos construídos pelas mulheres; e na exaltação da virtude da castidade como defesa da integridade da mulher.

Temos que ter cuidado para não olhar as obras das filósofas da antiguidade e do medievo com as mesmas expectativas de quando olhamos para os trabalhos das filósofas do nosso tempo, para não fazermos uma leitura apressada e engessada sobre os contextos nos quais elas viviam e os conceitos que suas obras apresentam. Para tanto, além de fazer relações entre os trabalhos das filósofas de variados tempos históricos, os projetos de revisão feminista da história e da história da filosofia são fundamentais para conseguirmos ter uma compreensão mais detalhada sobre as questões levantadas.

Por fim, entendo que *A cidade das damas* defende a organização política das mulheres. Tal obra está repleta de sentidos para imaginarmos outros mundos possíveis para as mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. *Os perigos de uma história única*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>> Acesso em: 29 abril 2019.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. – São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARENDT, Hannah. *O que é política?* – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. de Roberto Raposo e revisão técnica de Adriano Correia. – Rio de Janeiro: Forense, 2018.

BITEL, Lisa M; LIFSHITZS, Felice. *Gender and Christianity in Medieval Europe: New Perspectives*. – Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008.

CHANCE, Jane. *The Literary Subversions of Medieval Women*. – New York: Palgrave Macmillan, 2007.

CALADO, Luciana E. de Freitas. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. 2006, 368 p. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CALADO, Luciana E. de Freitas. *Saboreando o saber: a aventura intelectual de Christine de Pizan no seu “Caminho de longo estudo”*. 2010. Disponível em: <<https://meridianum.ufsc.br/files/2017/09/CALADO-Luciana.-Saboreando-o-saber-a-aventura-intelectual-de-Christine-de-Pizan-no-seu-%E2%80%9Ccaminho-de-longo-estudo%E2%80%9D-F.pdf>> Acesso em: 31 de agosto de 2019.

COSTA, Cláudia de Lima. *O sujeito no feminismo: revisitando os debates*. cadernos pagu (19) 2002: pp.59-90.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

GREEN, Karen. When is a contract theorist not a contract theorist? Mary Astell and Catharine Macaulay as critics to Thomas Hobbes. In: HIRSCHMAN, Nancy; WRIGHT, Joanne H. *Feminist interpretation of Thomas Hobbes*. – The Pennsylvania State University Press, 2012.

KULKAMP, Camila. *As mulheres, o nascimento e a natalidade em Hannah Arendt*. 2019, 62p. TCC (Licenciatura em Filosofia) – Universidade Federal do Pará, Belém.

MCNAMARA, Jo Ann. *A New Song: Celibate Women in the First Three Christian Centuries*. – New York: The Institute for Research in History and The Haworth Press, 1983.

PIZAN, Christine. *A Cidade das Damas*. In: CALADO, Luciana E. de Freitas. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. 2006, 368 p. Tese. (Doutorado em Letras) Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PIZAN, Christine. *The Book of Peace*. Pennsylvania State University, 2008.

PIZAN, Christine. *The Book of the City of Ladies and Other Writings*. Hackett Publishing Company, 2018.

SATTLER, Janyne. Uma questão de forma: lições metodológicas com Martha, Cora e Christine. In: SCHMIDT, A. R.; SECCO, G. D.; ZANUZZI, I. *Vozes femininas na Filosofia*. – Porto Alegre: editora da UFRGS, 2018.

SCHMIDT, Ana Rieger. Christine de Pizan contra os filósofos. In: SCHMIDT, A. R.; SECCO, G. D.; ZANUZZI, I. *Vozes femininas na Filosofia*. – Porto Alegre: editora da UFRGS, 2018.

SJÖÖ, Monica; MOR, Barbara. *The great cosmic mother: rediscovering the religion of the Earth*. San Francisco: Harper & Row, 1987.

SILVA, F. M. da. Reinterpretando a imagem da Virgem Maria: uma leitura da obra *Anúncios de Maria Teresa Horta*. Número 13 – *Printemps*, 2018.

TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

WITT, Charlotte; SHAPIRO, Lisa, “Feminist History of Philosophy” *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2018/entries/feminism-femhist/>> Acesso em: 27 de Maio 2020.

WUENSCH, Ana Míriam. O quê Christine de Pizan nos faz pensar? In: DEPLAGNE, Luciana E, F, C (Org.) *As intelectuais na Idade Média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015, p. 69-90.